



O ensino da Moral Social: o cristianismo desafiado a construir cidadania

The teaching of social morals: christianity challenged to build citizenship

*Vilmar Dal Bó Maccari**

FACASC

Recebido em: 08/11/2021. Aceito em: 04/04/2022.

Resumo: O objetivo do presente trabalho consiste em apresentar o ensino da Moral Social Cristã como uma proposta pedagógica e formativa dentro de um processo de formação da consciência crítica e da construção da cidadania. Trata-se, portanto, de refletir o estatuto epistemológico, o objeto, e o sujeito da Moral Social Cristã como uma disciplina reflexiva, própria dos saberes ético-filosófico-teológico, em perspectiva de um autêntico humanismo cristão. Alia-se a este intuito evidenciar a transculturalidade de elementos da Moral Social Cristã e sua contribuição para a participação social e para a consolidação da cidadania ativa.

Palavra-chave: Moral Social Cristã. Ensino. Transculturalidade. Cidadania.

Abstract: The objective of this work is to present the teaching of Christian Social Morals as a pedagogical and formative proposal within a process of formation of critical awareness and the construction of citizenship. Therefore, it is a question of reflecting the epistemological statute, the object, and the subject of Christian Social Morals as a reflective discipline, characteristic of ethical-philosophical-theological knowledge, in the perspective of an authentic Christian humanism. Allied to this aim, highlight the transculturality of elements of Christian Social Morals and their contribution to social participation and to the consolidation of active citizenship.

Keywords: Christian Social Morals. Teaching. Transculturality. Citizenship.

* Doutorando em Ciências Econômicas e Política (Universidade Sophia, Figline, Itália). Mestre em Estudos Políticos (Universidade Sophia, Figline, Itália, 2014). Graduado em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, Florianópolis, SC, 2011). Graduado em Engenharia de Produção (Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, 2005). Professor na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, Florianópolis-SC, onde é Coordenador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Teologia, Sociedade e Comunicação.

E-mail: vilmardalbo@gmail.com.



Introdução

O objetivo do presente artigo consiste em apresentar a importância do ensino e aprendizagem da Moral Social Cristã à luz de uma proposta pedagógica e formativa no campo dos saberes ético-filosófico-teológico que orientam a presença e o compromisso dos cristãos no mundo. Trata-se, portanto, de sistematizar o conteúdo de uma disciplina reflexiva que contém importantes elementos de transculturalidade para o desenvolvimento de um personalismo integral e um autêntico humanismo cristão. Neste horizonte, encontra-se uma reserva moral com importantes elementos de fé (*Teologia*) e de razão (*Filosofia*) em diálogo com as Ciências Sociais e Humanas.

Metodologicamente, o presente artigo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, conceitual e exploratória, com a finalidade de apresentar o ensino da Moral Social Cristã como uma disciplina que visa definir verdadeiros horizontes éticos de referência no âmbito da convivência social e um sólido estatuto epistemológico centrado na existência de normas morais objetivas e válidas para todos.

O artigo estrutura-se na apresentação do estatuto epistemológico da Moral Social Cristã, seu conteúdo transcultural e universal, o objeto e o sujeito da Moral Social, e a sua contribuição enquanto disciplina para a formação e construção da cidadania ativa.

Trata-se, por fim, de harmonizar sistematicamente, o encontro dos fundamentos de uma antropologia teológica com os elementos da racionalidade humana, proporcionando um discernimento evangélico sobre as realidades hodiernas que afetam a vida e a dignidade do povo.

1 O estatuto epistemológico da Moral Social Cristã

Pode-se afirmar que o estatuto epistemológico da Moral Social Cristã é algo complexo, por isso, há que se atentar especialmente ao emprego da Filosofia da Linguagem para a abordagem do seu objeto de estudo e pesquisa. Corre-se o risco, muitas vezes, diante dos interesses de determinados grupos de pesquisa e/ou poder, surgirem hermenêuticas reducionistas e comprometidas que resultam em uma moral ideologizada. Como aquela de “utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou



políticos.”¹ Como fazem os sistemas sociais e econômicos injustos nas suas raízes e os governos populistas. Por isso, requer-se a Moral Social Cristã, como é próprio da sua natureza, um sólido enquadramento teológico e filosófico capaz de formar uma nova mentalidade política e econômica que ajudaria a superar a dicotomia entre economia e o bem comum social.²

A Congregação para Educação Católica no Documento – *Orientações para o Estudo da Doutrina Social da Igreja* –, diante do desafio para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e fraterna, afirma que a Doutrina Social da Igreja, disciplina particular e autônoma, teórica e prática ao mesmo tempo, enquadra-se no campo amplo e complexo da Ciência da Teologia Moral, em estreita relação com a Moral Social. Ou seja, desenvolve-se na base de uma reserva moral que guarda valores de autêntico humanismo cristão.

Esta compreensão, recorrente em documentos pontifícios, como *Laborem Exercens*³ e *Sollicitudo Rei Socialis*⁴, revelam a necessidade de interpretar as complexas realidades da vida do Homem na sociedade, examinando sua conformidade ou diferença, de acordo com os critérios do Evangelho. No mesmo sentido, ao refletir sobre a globalização do paradigma tecnocrático, e suas consequências que afetam a vida humana e a sociedade em todas as suas dimensões, afirma o Papa Francisco:

*Uma ciência que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas deveria, necessariamente, ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber, incluindo a Filosofia e a Ética Social.*⁵

Neste sentido, a Moral Social Cristã enquadra-se como uma disciplina que busca definir verdadeiros horizontes éticos de referência no âmbito da convivência social. Articula-se, epistemologicamente, do encontro dos fundamentos de uma antropologia teológica com os elementos da racionalidade humana, favorecendo, destarte, um conjunto

¹ FRANCISCO. Carta *Evangelii Gaudium*. Sobre a alegria do Evangelho. Paulus: São Paulo, 2013. EG, 199.

² Cf. FRANCISCO, 2013, p. 124; EG, 205.

³ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Laborem Exercens*. Sobre o trabalho humano. Paulinas: São Paulo, 1981. LE, 3.

⁴ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*. Sobre a solicitude social da Igreja. Paulus: São Paulo, 1987. SRS, 41.

⁵ FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Paulus: São Paulo, 2015. LS, 110.



de reflexões com valores considerados objetivos e válidos para todos os homens e mulheres de boa vontade. Afirma, São João Paulo II, na *Libertatis Conscientia*:

*Um conjunto de princípios de reflexão, de critérios de juízo e diretrizes de ação, para que as mudanças em profundidade, que exigem as situações de miséria, e de injustiça, sejam levados a cabo de maneira tal, que sirva ao verdadeiro bem dos homens.*⁶

Ou seja, o documento exprime um conteúdo universal que permite a reflexão acerca do sentido mais profundo da natureza humana e da convivência social diante dos problemas que surgem na vida em sociedade.

Trata-se, portanto, de um sólido enquadramento teológico e filosófico. Teológico porque a sua base pressupõe as orientações de uma antropologia teológica (sobrenatural) que consiste na ideia do *Homem como Imagem e Semelhança de Deus*.⁷ Outrossim, filosófico, pois dá fundamento e sustento de caráter racional, para demonstrar a coerência entre os dados derivados do Mistério da Revelação e os princípios da Reta Razão (racionalidade e razoabilidade).⁸ Isto posto, do encontro dos dados da Revelação e da Reta Razão derivam as normas objetivas da moralidade humana, os seus princípios éticos, reguladores dos atos humanos no campo privado e também na vida em sociedade.

Em adendo, Marcio Bolda, em *Rosto e Alteridade: pressupostos da ética comunitária*, recorda a ética como um fenômeno humano e de que o sentido dessa só pode ser captado e definido em relação aos comportamentos, às práticas, e aos atos realizados pelo homem.⁹ Portanto, quando surge a referência especificamente de uma Moral Social, o sentido de ética deve ser captado em relação aos comportamentos, às práticas e aos atos que incidem sobre a vida social no campo das instituições sociais, econômicas e políticas. Na perspectiva da dimensão social, indivíduo

⁶ JOÃO Paulo II. *Libertatis Conscientia*. Sobre a liberdade cristã e a libertação. São Paulo: Paulus, 1986. LC, 72.

⁷ Cf. BAGGIO, Antonio Maria. *Lavoro e Dottrina Sociale Cristiana: dalle origini al novecento*. Roma: Città Nuova, 2005. p. 25.

⁸ Cf. BAGGIO, 2005, p. 24.

⁹ Cf. BOLDA, M. S. *Rosto e alteridade: pressuposto da ética comunitária*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 11.



e comunidade são dois termos inseparáveis, que necessariamente se pressupõem.¹⁰

Logo, dada a realidade que a ética é algo que faz parte da condição humana, e de que o agir é o objeto característico da experiência moral, a ética é fator intrínseco ao modo de ser humano, portanto, faz parte da natureza humana.

Ainda, quando se aborda a Moral Social em perspectiva cristã, é fundamental reconhecer o enquadramento teológico e filosófico entre os elementos da fé e da razão “que recolhe uma multiplicidade de contribuições interdisciplinar na unidade de juízo moral”¹¹ e oferece afirmações de caráter moral.

Para melhor definir o estatuto da Moral Social Cristã, é preciso considerar os fundamentos teológicos e filosóficos que ela contém: Revelação e Natureza Humana. Elencam-se:

- A *Revelação* é a maior motivação teológica da Moral Social Cristã. Com isso, a revelação de Deus em Jesus Cristo só pode ser percebida em seu objetivo central através do discernimento racional.¹² A teologia é a reflexão metódica sobre a realidade, à luz da fé e da revelação. Consiste, primordialmente, nos dados da antropologia teológica.¹³ A afirmação principal desta antropologia é o Homem como *Imagem de Deus*. A criação do homem e da mulher à imagem de Deus é um acontecimento divino de vida, e sua fonte é o amor fiel do Senhor.¹⁴ Condição antropológica que eleva a natureza e ressalta a dignidade da pessoa humana. O atropelo à dignidade humana é atropelo ao próprio Deus, de quem a pessoa é imagem.
- A racionalidade é uma característica constitutiva da natureza humana. Sem o recurso ao pensamento, é inimaginável a teologia, pois cabe-lhe traduzir o mistério para dentro da linguagem e da cultura presente.¹⁵ Consiste, portanto, na racionalidade

¹⁰ Cf. BOLDA, 1995, p. 21.

¹¹ BAGGIO, 2005, p. 24.

¹² Cf. ZILLES, U. *Desafios atuais para Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 27.

¹³ Cf. ZILLES, 2011, p. 25.

¹⁴ DOCUMENTO de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007. p. 176. DAP, 388.

¹⁵ Cf. ZILLES, 2011, p. 27.



dos conteúdos teológicos, de forma a torná-los aceitos pela universalidade humana e favorecer o diálogo entre os homens. A filosofia oferece para a Moral Social Cristã princípios de reflexão e critérios de juízo que fundamentam as bases éticas de um sistema ou de um modelo de sociedade, conforme as exigências da dignidade humana.

É fundamental ao estudo, ensino e a pesquisa da Moral Social Cristã apontar para uma síntese entre o uso responsável dos dados provenientes das ciências sociais em consonância com as ciências naturais. Assim, o fio condutor da Moral Social Cristã será sempre o valor supremo da pessoa humana em todas as fases de sua existência. Ata-se a esta condição a sociabilidade humana e a necessidade da convivência social.

2 Universalidade da Moral Social Cristã

A Moral Social Cristã deve submeter-se criticamente à razão e ao pensamento. A fé é uma livre opção da pessoa, abrindo uma nova dimensão da realidade global que não é captável pelo conhecimento científico, mas responsável perante a razão, pois aquele que crê, como ser racional, busca plausibilidade racional para a sua fé.¹⁶ A fé pertence ao pensar compreensivo, ou seja, ao saber do homem.¹⁷ Neste sentido, a fé eleva o ser humano até o mistério que transcende a natureza e a inteligência humana.¹⁸

Dentro deste horizonte, a Moral Social Cristã é capaz de refletir o desenvolvimento do pensamento cristão revelando elementos transculturais do conteúdo de fé com sabedoria e com valores universais válidos para todos. Sobre este conteúdo transcultural, próprio da Moral Social, José Ignacio Calleja, na obra *Moral Social Samaritana II*, reflete sobre a sociabilidade humana, a dignidade fundamental e os princípios decorrentes da Moral Social Cristã que se alargam para a vida social e a realização integral do ser humano e das estruturas sociais de sua convivência: bem comum, participação, solidariedade, subsidiariedade, destino universal dos bens criados, entre outros.¹⁹

¹⁶ ZILLES, 2011, p. 25.

¹⁷ ZILLES, 2011, p. 25.

¹⁸ Cf. FRANCISCO, 2013, p.137; EG, 242.

¹⁹ Cf. CALLEJA, J. I. *Moral Social Samaritana II: Fundamentos e noções de ética política e cristã*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 20.



Esses princípios, segundo Calleja, são consequências de um modelo moral cuja arquitetura teórica se sustenta no ser humano como criatura com duas qualidades maiores: dignidade fundamental e sociabilidade constitutiva.²⁰ Ambas qualidades convergem na categoria que se denomina bem comum. Sobre o bem comum, em perspectiva de Moral Social Cristã, escreve Calleja:

Denominamos bem comum esse bem particular da coletividade que, através do cuidado das mais diversas condições da vida em sociedade, permite o respeito e a realização da vida criativa e equilibrada daquelas qualidades em todas as pessoas, em suas famílias e associações, bem como em suas sociedades “matriz” ou povos.²¹

O conteúdo transcultural da Moral Social Cristã oferece o discernimento de experiências concretas da vida social, tais como: a participação soberana e democrática de todos naquilo que a todos afeta; solidariedade com os mais fracos e com aqueles em situação de vulnerabilidade, pois ninguém pode “construir-se de costas ao sofrimento”²²; subsidiariedade “que dá liberdade para o desenvolvimento das capacidades presentes a todos os níveis, mas simultaneamente exige mais responsabilidade pelo bem comum de quem tem mais poder”²³; e destinação universal dos bens “com o esforço por multiplicar e tornar os bens deste mundo mais acessíveis a todos”²⁴.

O conteúdo transcultural da Moral Social Cristã reflete a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum verdadeiramente incorporado a todos, por isso seu estudo e pesquisa provocam um modo de pensar, de sentir e de viver que ajuda efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e na dimensão do cuidado. Por fim, contribui para um processo formativo da consciência que faz brotar a reação moral para um novo estilo de vida.

É importante a este ponto identificarmos o objeto e o sujeito da Moral Social Cristã para evitarmos um aumento progressivo do relativismo e uma crescente deformação ética que provocam uma desorienta-

²⁰ Cf. CALLEJA, 2009, p. 20.

²¹ CALLEJA, 2009, p. 20.

²² FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2020. p. 36. FT, 66.

²³ FRANCISCO, 2015, p. 115; LS, 196.

²⁴ FRANCISCO, 2013, p. 123; EG, 203.



ção generalizada, principalmente em fases tão vulnerável às mudanças como na adolescência e na juventude.²⁵ Seguiremos compreendendo a importância da pessoa humana e sua sociabilidade constitutiva para o estudo da Moral Social.

3 O objeto e o sujeito da Moral Social Cristã

O objeto de estudo da Moral Social Cristã é a sociabilidade constitutiva do ser humano, e sua dignidade única e incondicional: a ação e a sujeição do indivíduo às normas e valores estabelecidos pela sociedade a que pertence. Consequentemente, o sujeito da Moral Social Cristã é a pessoa humana e a convivência social.²⁶

Segundo Calleja, por sua própria natureza, a pessoa tem absoluta necessidade da vida social, que engrandece o ser humano em todas as suas qualidades e o capacita para responder a sua vocação.²⁷ A sociabilidade, nesse sentido, é a matriz de todas as formas de vida social. Por sua vez, o destino mais radical da vida social é a realização integral do ser humano e das estruturas sociais de sua convivência.

Contudo, a sociabilidade constitutiva e a dignidade única são as realidades ontológicas que caracterizam a pessoa humana. Na cultural atual, porém, é preciso reconhecer na sociedade hodierna, estilos de *ser* e de *viver* contrários à natureza e à dignidade do ser humano. Segundo os bispos da América-Latina e do Caribe, reunidos na Conferência de Aparecida no ano de 2007, o impacto dominante dos ídolos do poder, da riqueza, e do prazer efêmero se transformou, acima do valor da pessoa, em norma máxima de funcionamento e em critério decisivo na organização social.²⁸ Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco ressalta algumas realidades hodiernas que desencadeiam processos de desumanização e colocam em risco o compromisso comunitário, a exemplo do medo, da falta de respeito, da violência e da desigualdade social.²⁹ Concatena-se a esta realidade uma “globalização da indiferença”³⁰ que anestesia socialmente os indivíduos. Nesta ótica,

²⁵ Cf. FRANCISCO, 2013, p. 123; EG, 64.

²⁶ Cf. CALLEJA, 2009, p. 21.

²⁷ CALLEJA, 2009, p. 21.

²⁸ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007; DAP, 387.

²⁹ Cf. FRANCISCO, 2013, p. 40; EG, 52.

³⁰ FRANCISCO, 2013, p. 41; EG, 54.



de modo imperceptível, o ser humano torna-se incapaz de se compadecer ao ouvir os clamores alheios.

O individualismo pós-moderno, aliado ao subjetivismo e ao relativismo moral, debilitam os vínculos interpessoais, o compromisso comunitário, e, como consequência, o acolhimento público. “Na cultura dominante ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido e provisório. O real cede lugar à aparência”³¹, afirma Francisco.

A Moral Social Cristã, ao apresentar seu objeto e sujeito de estudo, deve propor uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores: um regresso a uma ética propícia ao ser humano e às relações comunitárias – como aquela que sugere o Papa Francisco: a misericórdia como fio condutor da experiência moral.³²

É por este fio condutor que se desenvolverá uma profunda senilidade perante as necessidades dos outros e conseqüentemente uma decisão ética propícia ao ser humano.

4 A construção da cidadania ativa

Ao se propor a disciplina de Moral Social Cristã como uma componente constitutiva do processo de construção da cidadania ativa, é preciso definir o que se subentende pelo termo supramencionado. Segundo a politóloga Daniela Ropelato, em *Democrazia intelligente*, a cidadania ativa passa pelo desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma cultura de participação representativa que faz despontar uma sociedade capaz de autodeterminar-se.³³ Nela, participação social é o centro da cidadania ativa.

Isso posto, propor a Moral Social Cristã como uma disciplina capaz de fomentar e aprimorar a cidadania ativa significa submeter o objeto e sujeito da moral à reflexão sobre a participação social, principalmente nos campos da Economia e da Política. Segundo Anderson Faenello, a pessoa humana, o sujeito da moral, deve, sempre mais, conscientizar-se

³¹ FRANCISCO, 2013, p. 45; EG, 62.

³² Cf. SCANNONE, J. C. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito do discernimento. In: *Cadernos Teologia Pública*, XV, n. 135, 2018, p. 3.

³³ Cf. ROPELATO, D. *Democrazia intelligente. La partecipazione: attori e processi*. Roma: Città Nuova, 2010. p. 25-28.



de sua responsabilidade por edificar um mundo melhor, pautando-se na verdade e na justiça.³⁴ Ensina o Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes*: “O homem é o autor, centro e fim de toda a vida econômica e social”³⁵. Por isso, deve lutar para que, também na vida econômico-social, a dignidade da pessoa e da comunidade em que está inserido seja honrada e respeitada.

Neste mesmo sentido, ecoa-se o que afirma o Papa Francisco: “Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, coloquem-se a serviço da vida, especialmente da vida humana”³⁶. A participação social rompe a lógica perversa dos interesses de grupos privados e oferecem à inteligência humana princípios de reflexões, critérios de juízo e diretrizes de ação em consonância com as exigências do Evangelho, apresentando elementos transculturais para encontrar formas “de desenvolvimento sustentável e equitativo no quadro de uma concepção mais ampla da qualidade de vida”.

O Papa Francisco, insiste, ainda: “uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores”³⁷. Valores estes que se cristalizam na dignidade da pessoa humana e na defesa dos direitos humanos. Não é opção progressista pretender resolver os problemas, eliminando uma vida humana e fragilizando os vínculos interpessoais. A participação social consolida-se na preocupação por “integrar os mais frágeis”³⁸, e “investir para que os mais lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida”³⁹. Assim, a Moral Social Cristã, ao voltar-se para a dinâmica da participação social, volta-se, conseqüentemente, para a participação da pessoa no mundo e seu compromisso em promover o bem moral.

Ao ressoar a expressão “promover o bem moral”, o Homem assume a conceituação feita pelo Papa Francisco na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*:

³⁴ Cf. FAENELLO, A. F. *A felicidade e a realização humana no trabalho*: elementos fundamentais à luz da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulus, 2014. p. 91.

³⁵ GS, 63.

³⁶ FRANCISCO, 2015, p. 111; LS, 189.

³⁷ FRANCISCO, 2013, p. 47; EG, 62.

³⁸ FRANCISCO, 2015, p. 115; LS, 196.

³⁹ FRANCISCO, 2013, p. 125; EG, 209.



Não podemos deixar de afirmar que o desejo e a busca do bem dos outros e da humanidade inteira implica também procurar um desenvolvimento das pessoas e das sociedades nos distintos valores que concorrem para o bem comum.⁴⁰

Neste sentido, situa-se o desafio da Moral Social Cristã e de seu empenho para a formação da cidadania ativa:

Vivemos já muito tempo na degradação moral, descartando a ética, a bondade, a fé, a honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses.⁴¹

Neste horizonte, a Moral Social Cristã é provocada a refletir as linhas de um desenvolvimento integral, solidário e fraterno, a romper com a lógica do indiferentismo, do individualismo, do egoísmo, da violência e da corrupção nas suas mais diversas formas.

Contudo, há alguns desafios do mundo atual que a Moral Social Cristã não pode se esquivar de refletir e que formam a consciência para o exercício da cidadania ativa:

- I) A causa da pobreza, a centralização das riquezas, a desigualdade social que gera violência e a consolidação dos direitos humanos e sociais: acesso à saúde, à educação, à moradia digna e ao trabalho. Programas de verdadeiro desenvolvimento integral.⁴²
- II) Preocupação com a vida planetária, a ecologia, os biomas e a deterioração da qualidade de vida humana e degradação social.⁴³
- III) Fortalecimento das instituições e do sistema democrático, da participação popular e dos mecanismos de controle. A rejeição da corrupção nas suas mais diversas formas.⁴⁴

⁴⁰ FRANCISCO, 2020, p. 55; FT, 112.

⁴¹ FRANCISCO, 2020, p. 56; FT, 113.

⁴² Cf. FRANCISCO, 2013, p. 122; EG, 203.

⁴³ Cf. FRANCISCO, 2015, p. 31; LS, 43.

⁴⁴ Cf. FRANCISCO, 2020, p. 56; FT, 113.



IV) A superação dos fundamentalismos e totalitarismos anti-históricos, dos intelectualismos sem sabedoria, dos purismos angélicos e dos projetos mais formais do que reais.⁴⁵

Além destes desafios elencados, soma-se uma onda de neoconservadorismo e fundamentalismo político-religioso, que faz despertar a intolerância e que precisa ser enfrentada, “curada” e superada.

Dentro desta realidade, muitas vezes hostilizada, a Moral Social Cristã é desafiada a construir cidadania. É chamada a fazer da integração, da cooperação, da participação e da solidariedade fatores de um verdadeiro progresso. Denunciar “os interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta”⁴⁶ e superar as tensões e visões distorcidas sobre sua natureza e finalidade. Para tanto, a Moral Social Cristã não é uma ideologia, tampouco uma espécie de terceira via entre a utopia liberal e a utopia socialista, ou sistema socioeconômico e político alternativo. Ela se justifica como uma disciplina que oferece as bases éticas de um sistema ou de um modelo de sociedade conforme as exigências da dignidade humana. Situa-se na linha de um discernimento evangélico, provado pela razão, e com elementos transculturais, considerados universais para refletir sobre os processos de desumanização que ferem a dignidade e a sociabilidade humana, bem como as estruturas que vivificam uma falsa sensação protetiva.

Revela-se, impreterivelmente, uma disciplina que fomenta a construção da cidadania ativa, pois busca superar “a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada”⁴⁷ e transforma espaços de desintegração e conflitos em integração, concórdia e comunhão recíproca.

Enfim, o estudo, o ensino e a pesquisa da Moral Social Cristã rompem com o perigo da consciência isolada e da autorreferencialidade. Invoca uma decisão ética que consiste em reconhecer o outro e buscar o seu bem. Uma profunda sensibilidade perante as necessidades dos outros e o compromisso de assumir a responsabilidade diante das fragilidades do ser do outro.

⁴⁵ Cf. FRANCISCO, 2013, p. 133; EG, 231.

⁴⁶ FRANCISCO, 2013, p. 56; EG, 43.

⁴⁷ FRANCISCO, 2013, p. 9; EG, 2.



Considerações finais

A Moral Social Cristã reúne um rico conteúdo interdisciplinar que provém da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério confrontado à luz da razão.

Centrada em uma antropologia teológica que favorece as categorias ontológicas de sociabilidade e dignidade da pessoa humana, abre-se à transcendência e confronta os interesses individuais diante da dimensão comunitária da vida. Ainda, aponta para princípios de reflexão, critérios de juízo e orientações de ações que envolvem as dimensões moral, espiritual, e social da pessoa. Dela decorrem profundas reflexões como: bem comum, solidariedade, subsidiariedade, destinação universal dos bens, entre outras.

Em perspectiva de uma disciplina de base epistemologicamente cristã é preciso afirmar, que a Moral Social, é em síntese, o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte, e desta forma, um rumo decisivo. Afirma Francisco: “A ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social”.⁴⁸ Esta ecologia humana e a ética social em que se refere Francisco refletem “os valores da liberdade, respeito mútuo e solidariedade que podem ser transmitidos desde a mais tenra idade”⁴⁹.

A importância de se definir a Moral Social Cristã como uma disciplina reflexiva do campo ético-filosófico-teológico capaz de contribuir para a formação da cidadania ativa está no fato de apresentar um conteúdo transcultural, ou uma exigência ética fundamental, para a efetiva realização do bem comum, da pessoa humana e de sua sociabilidade.

Enquanto uma disciplina formal, porém, atenta aos projetos reais, utiliza-se do discernimento evangélico para ultrapassar o nominalismo formal e superar as retóricas e ideias que frequentemente distanciam-se da realidade. A Moral Social Cristã deve apontar caminhos pra uma práxis de vida que se aproximam de um verdadeiro humanismo integral.

Contudo, a participação social é o sentido que se dá à cidadania ativa, e isso significa: prestar atenção e se debruçar sobre as novas formas de pobreza e fragilidades que afetam a humanidade. O ensino da

⁴⁸ FRANCISCO, 2015, p. 156; LS, 156.

⁴⁹ FRANCISCO, 2020, p. 57; FT, 114.



Moral Social Cristã é, de fato, um convite a refletir sobre a pessoa, a vida em sociedade, e a participação ativa do cristão no mundo. Inspira, portanto, o rompimento com a mentalidade individualista e o alcance a um novo estilo de vida, como aquele participativo: “uma sociedade que procure o bem comum que verdadeiramente incorpore a todos”.⁵⁰ E que acima de tudo, nos possibilite ultrapassar todos os preconceitos, todas as barreiras históricas ou culturais, todos os interesses mesquinhos que nos impedem de tornar-nos um próximo do outro, e assim, acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades ditas desenvolvidas.

Referências

BAGGIO, A. M. *Lavoro e Dottrina Sociale Cristiana: dalle origini al novecento*. Roma: Città Nuova, 2005.

BOLDA, M. S. *Rosto e alteridade: pressuposto da ética comunitária*. São Paulo: Paulus, 1995.

CALLEJA, J.I. *Moral Social Samaritana II: Fundamentos e noções de ética política e cristã*. São Paulo: Paulus, 2009.

CNBB. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

FAENELLO, A. F. *A felicidade e a realização humana no trabalho: elementos fundamentais à luz da Doutrina Social da Igreja*, São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Paulus: São Paulo; Loyola: São Paulo, 2013.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2020.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Laborem Exercens. Sobre o trabalho humano*. São Paulo: Paulinas, 1981.

⁵⁰ FRANCISCO, 2013, p. 135; EG, 236.



JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo rei socialis*. Sobre a solicitude social da Igreja. São Paulo: Paulus: 1987.

JOÃO PAULO II. *Libertatis Conscientia*. Sobre a liberdade cristã e a libertação. São Paulo: Paulus, 1986.

ROPELATO, D. *Democrazia intelligente. La partecipazione: attori e processi*. Roma: Città Nuova, 2010.

SCANNONE, J. C. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito do discernimento. In: *Cadernos Teologia Pública*, XV, n. 135, 2018.

ZILLES, U. *Desafios atuais para Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.